

PIMENTA NA LÍNGUA

“Legado não é o que você deixa para as pessoas; legado é o que você deixa nas pessoas” *Deive Leonardo*



Dr. João Pimenta, Académico Honorário da Academia Brasileira de Odontologia.



Dr. André Pimenta, médico dentista.

Esta é uma conversa com um filho e colega...decorreu em alguns intervalos de consultas e tem, provavelmente, a “anarquia” de libertários conscientes, livres e sem qualquer barreira. Uma conversa “sem filtros” em que tenho a consciência do meu legado clínico e profissional.

João Pimenta: Piloto de automóveis, cantor famoso ou médico dentista? Só podes escolher um.

André: Escolho os três.

João Pimenta: Mas só podes escolher um.

André: O André é indissociável da medicina dentária, das corridas de automóveis e da música. Portanto, não poderia escolher um só porque aí seria um terço de André. Portanto, não tenho uma escolha maior ou prioritária de uma em relação às outras, porque todas elas fazem um conjunto e fazem sentido.

João Pimenta: O que é que na música te deu mais alegria?

André: A música, a medicina dentária e os automóveis têm várias coisas em comum. Por alguma coisa é que usamos uma turbina, não é? (kkkkk); p.e carros com turbinas. O som da turbina também é música para os meus ouvidos. Portanto, há muita coisa aqui que está em comum. O que me dá alegria na música, obviamente, é transmitir mensagens que eu acho que são de valor para as pessoas que me ouvem e também é uma forma de expressão e quase de escape, assim como os automóveis que também são uma forma de escape.



João Pimenta: Mas na música, quando os pacientes pedem para lhes cantar alguma coisa, o que é que sentes?

André: De alguma forma dá-me vontade de rir. Lembra-se, a maior parte deles, do concurso Ídolos, e já lá vão 20 anos, e alguns até acham que agora deixei a música para começar a trabalhar; e eu rio-me também porque nem eu

considero a medicina dentária um trabalho para mim, porque não é, é uma vocação que eu tenho; nem a música é um trabalho, também é um dom, é um pequeno talento, se assim lhe quisermos chamar, assim como as corridas de automóveis. Todas as áreas da minha vida têm um papel muito grande e as três funcionam muito bem juntas, por isso é que é impossível não as ver em conjunto.

João Pimenta: Deu-te mais alegria correr no McLaren e ganhar em Vila Real ou ser Campeão Nacional de rallys num carro a gasóleo um pouco antiquado?

André: Uma das corridas que mais gozo me deu, e eu falo nisso muitas vezes, foi ganhar Vila Real a começar de último, num Mini, que era o carro mais lento que corria em Vila Real, no troféu mais lento que se corria em Vila Real porque senti



nessa altura que há um virtuosismo na pilotagem. Eram os minis não alargados, com pneus radiais (para quem percebe de um bocadinho de automóveis, portanto muito pouco de competição e muito de estrada, e muito à época), sabendo eu que se esfregasse um mini num rail provavelmente saía de lá com as duas pernas partidas. Também tinha essa componente de adrenalina, mas essa foi provavelmente a corrida que mais gozo me deu. Essa e uma corrida em Braga também feita no Troféu Mini. Curiosamente, em termos de gozo pessoal, obviamente ganhar Vila Real de McLaren, numa estreia absoluta nos GTs, é um marco histórico da minha carreira. No mundo das corridas em Portugal foi muito falado na época.

João Pimenta: Ganhaste, por exemplo, ao Miguel Oliveira que anda a estudar e nem sei se já acabou o curso de medicina dentária, e ele correu contra ti. Ele anda na Fórmula 1 das motas.

André: Sim, foi interessante. Nós quando acabamos a corrida abraçamo-nos um ao outro, não nos conhecíamos, obviamente, ou conhecemo-nos de vista. Ele sabe o meu

nome, eu sei o nome dele, como é lógico, mais eu o dele que ele o meu, mas a verdade é que sabíamos o nome do outro, e abraçamo-nos. No fim eu disse “Miguel isto para ti é em câmara lenta dentro de um carro porque os carros de competição, inevitavelmente, andam muito menos que uma moto de MotoGP que anda ao nível de um Fórmula 1”. E ele disse “não, estás enganado” e falou-me na inércia, na falta de campo de visão dentro de um carro. Obviamente dentro



André Pimenta, campeão nacional de ralis, categoria júnior.

da moto vê muito mais do que dentro de um carro e ele estava com o mesmo entusiasmo de ter ganho praticamente uma corrida de MotoGP. Eu fiquei surpreendido porque achei que aquilo para ele eram “peanuts”, e afinal ele estava até bastante emocionado no final da corrida, até porque ele correu com o pai e fez uma estreia espetacular, embora eu ache que um piloto de alta competição das motas que vá para os automóveis dá sempre cartas porque são pessoas que estão muito habituadas a trabalhar com telemetria e muito habituadas à velocidade.



João Pimenta: Agora falaste que ele correu com o pai. Estou a olhar para um quadro ali que diz pai e filho partilham um palco. Fizemos os dois, eu no regresso, um dia, ao sítio onde dei aulas, que foi a Faculdade de Medicina Dentária do Porto. Levei-te comigo a fazermos uma noite de confrências em que enchemos o anfiteatro. Que sensação é que tiveste nesse dia?

André: Tive uma sensação engraçada porque eu não andei nesta faculdade, na FMDUP, mas recordava-me de ir lá quando era miúdo, já nas novas instalações, porque tam-

bém fui às antigas, também tenho recordações das festas de Natal que se faziam na faculdade quando eram meia dúzia de professores e meia dúzia de alunos, meia dúzia de dentistas em Portugal. Portanto, isto eu recordo-me. Quase todos os dentistas do Norte faziam uma festa de Natal e trocávamos de prendas. Lembro-me perfeitamente do João Carvalho, do Sampaio Fernandes, do Fontes de Carvalho, do Tavares Nogueira, e outros, faziam trocas de prendas no Natal. Portanto, estamos a falar, na altura, de médicos dentistas com vinte e poucos anos, com filhos com três e quatro anos, com professores com trinta e poucos anos, era tudo muito jovem.

João Pimenta: Sim, mas o que sentiste quando pisaste aquele palco e estavas a falar para o anfiteatro cheio?

André: Lembro-me perfeitamente que o anfiteatro era perto do bar e recordo de ir à cantina ter com o meu pai quando era miúdo, em algumas situações. Lembro-me do serrote nessa faculdade, portanto, foi um bocado voltar a um sítio onde eu tinha estado já há muitos anos e que me trazia algumas recordações da infância. É óbvio que me lembro perfeitamente que tinha uma colega à minha frente, que tinha sido minha professora, que era a professora



Teresa Pinho, e falar de ortodontia em frente à professora Teresa Pinho ou ao professor Fernando Peres, foi um bocado arriscado, não é? Portanto tentei não dizer “muitas asneiras” (kkkkkkkk). Estava a mostrar alguns casos e a tentar não aprofundar muito, não fosse o diabo tecê-las. Mas no final até tive um elogio por parte dos dois e fiquei muito contente nesse dia porque acho que houve também ali um virar de página em termos de reconhecimento profissional de certas

pessoas presentes que achavam que nem o curso eu teria acabado.

João Pimenta: Consideravam-te tão pouco “baldas”, mas depois...

André: Ainda há pessoas hoje que não sabem que eu acabei o curso.

João Pimenta: Quando tiveste um reconhecimento entre pares em que foste a figura do ano no campo da reabilitação oral, foi um sentimento de quê? Tu que és um reabilitador à moda antiga.

André: Isto de ser à moda antiga, dois pontos (kkkkk). Eu não sou reabilitador à moda antiga; eu utilizo aquilo que está provado clinicamente que funciona ao longo dos anos, com aquilo que se utiliza de tecnologia em termos digitais. Portanto, eu não sou à moda antiga. Eu sou é um reabilitador que tem a noção que tem o nome na porta da clínica e nos vidros e que tem a noção de que está o nome ao lado, que é o do pai, que está lá há 43 anos. O vinil é fácil de colar e meter novo. Agora também pode ser fácil caírem as janelas. É preciso ter muito cuidado com os termos “reabilitador à moda antiga”, porque não sou um reabilitador à moda antiga; sou um reabilitador que tem consciência clínica de que muita coisa moderna está feita para não durar.

João Pimenta: O que disse, quando referi à moda antiga, estava a referir a utilizares processos fiáveis que resistiram e que tu viste que resistiram ao tempo.

André: Utilizo processos fiáveis, obviamente, antigos, combinados com processos fiáveis modernos. Agora, eu sei que há poucos processos fiáveis modernos, porque à indústria também não lhes interessa que nós reabilitemos um paciente por muitos anos. O interesse é voltarmos a reabilitar passado um X número de anos. E isso é uma condicionante que eu não concordo e para encontrar o que considero certo obviamente tenho de ir buscar métodos antigos misturados com moderna tecnologia para conseguir buscar o melhor dos dois mundos.

João Pimenta: És talvez dos médicos dentistas que mais ortodontia faz em Portugal e recusas fazer alinhadores. Já falámos muito sobre isso e vimos agora que o Trevisi, inclusivamente, falou que os alinhadores servem para alinhar e pouco mais.

André: Exatamente, daí o nome: alinhadores.

João Pimenta: Porque é que te recusas na tua prática a fazer alinhadores?

André: Eu não me recuso. Eu, pura e simplesmente, estudei o suficiente para perceber que é muito complicado conseguir fazer uma ortodontia onde estamos durante praticamente dois anos a trabalhar com três milímetros de diferença no plano oclusal. Quando o paciente oclui tem o espaçamento das goteiras. E eu sei que tudo isto vai dar uma diferença sob o ponto de vista muscular, sob o ponto de vista articular. Isto já foi falado por mim e por outros, embora tentem silenciar-nos. Ser profundamente livre e não estar

ligado a marca nenhuma tem esta vantagem, que é a gente poder dizer o que pensa, principalmente aos pacientes. Porque o meu grande problema aqui não é dizer aos meus pares, é mesmo aos meus pacientes, é explicar porque é que eu não uso quando eles me pedem “esta moda”. Ora bem, só para fazer um alinhamento básico, eu também o faço com *brackets* em meia dúzia de meses. Ok; é moda, funciona? funciona sim senhor. O sistema está desenvolvido?...está. Eu recuso-me, porquê? Porque eu gosto de trabalhar bem e, portanto, não é que eu diga que as pessoas que usam esse sistema trabalhem mal; eu é que trabalho mal dentro do sistema. É quase como uma mulher de um amigo meu: é boa para ele, para mim não serve.

João Pimenta: Já trabalhas há quantos anos?

André: Há 16.

João Pimenta: Há 16 anos...Muitos colegas teus foram trabalhar para outros países da Europa, e não só e, tal como eu, achas que isso não é emigração, que é estar dentro do seu mercado de trabalho. O que é que tu achas disso? O que é que tu achas das pessoas saírem do país e irem trabalhar noutros países?

André: Acho muito bem quando é por vontade própria. Quando é por necessidade, acho mal. Ter de sair do país porque há excesso de médicos dentistas, porque há falta de trabalho, acho mal. É uma situação triste. Não acho errado a atitude de sair; acho triste que tenha que ser feito. Mas isso também tem muito a ver com, no fundo, a grande desordem dos médicos dentistas de que nós fazemos parte de há alguns anos para cá. Há uma desordem dos médicos dentistas que, no fundo, acaba por contribuir para não se legislar de uma forma correta, quer a lei da concorrência, quer também os *numerus clausus* de faculdades. E, portanto, isso faz com que a maior parte das pessoas que saiam, tristemente saiam porque têm de sair e não porque querem.

João Pimenta: Mas se vão ganhar muitíssimo mais, não é assim mau porque estão dentro do seu mercado de trabalho.

André: Garantidamente, se perguntarem a 90% das pessoas que saíram daqui porque tristemente tiveram de o fazer, e se lhes perguntarem se eles querem vir para cá a ganhar metade, mas estarem na sua terra natal, eles preferem, como a maior parte dos “emigrantes”. Isso é um bocado tapar o sol com a peneira, na minha opinião.

João Pimenta: Achas que a desordem de que falas é devido à falta de regulação política, quer no *numerus clausus*, quer até nos currículos universitários porque, efetivamente, eles estão já um bocado desenquadrados do que é neste momento a realidade. O que é que tu achas disso?

André: Acho que partimos já de vários princípios errados e de há muitos anos para cá. Somos, obviamente, uma população que necessita de cuidados orais, mas a partir do momento em que temos quase tantos médicos dentistas como pacientes, isto começa a ser...Quer dizer que isto começa a ser o médico a precisar mais do tratamento que o próprio paciente,

porque não há pacientes para tanto médicos dentistas. Mas depois também me choca que nós, que somos conhecidos por formar ótimos médicos dentistas, daí a grande receptividade nos mercados inglês ou francês aos médicos dentistas portugueses, termos escolas privadas que, para além de formarem excesso de médicos dentistas portugueses, também já abriram portas para alunos estrangeiros. Daqui a um bocado somos um país formador de médicos dentistas. Só formamos, não temos quase consumo interno porque grande número de médicos dentistas formados em Portugal saem, não há pacientes suficientes. Mas ainda ficam cá muitíssimos. No fundo, quem mais sofre com isto é quem já cá está. Tem dificuldade, obviamente, em manter os consultórios pequenos e médios face primeiramente ao excesso de médicos dentistas, o que faz com que haja um abuso na utilização da mão



de obra dos recém-licenciados por parte de alguns grandes grupos como se fala por aí. Nós estamos “em concorrência” neste momento com esses grupos que “compram em massa”, utilizando mão de obra barata.

João Pimenta: E põem esses médicos dentistas a cumprir objetivos também, não é?

André: Sim, aqui o grande problema é esse mesmo. É que o ato médico deixa de o ser para passar a ser uma venda de um produto; a venda do produto não é feita pelo médico, é feita por um gestor de vendas, por um gestor de cliente que é o nome que dão. Eu conheço casos, alguns públicos, em que os pacientes são literalmente encostados à parede para assinarem um contrato de financiamento para tratarem o que tiverem e às vezes o que não tiverem.

João Pimenta: Sim, isso temos visto aqui na nossa clínica muitos casos de planos de tratamento de coisas que não têm, de cáries que não existem.

André: Pronto por isso mesmo falsos é o termo. Falsos planos de tratamento, com falsos tratamentos incluídos.

João Pimenta: E achas que nesse aspeto a Ordem, nomeadamente o Conselho Deontológico e de Disciplina, deveriam ser mais ativos nisso ou não?

André: Aí está: eu trabalho há 16 anos e nunca conheci uma Ordem que verdadeiramente me defendesse.

Eu sinto-me, por exemplo, à vontade de meter umas cartolinas ali na minha janela a dizer assim “Vende-se implantes ao preço do quilo do bacalhau este Natal. Suba cá e seja feliz”. Eu posso fazer o que eu quiser porque não tenho na realidade regulamentação eficazmente punitiva.

João Pimenta: É uma opinião que tens e que eu partilho em parte.

André: Não é uma opinião, é o que eu sinto, não sinto presença.

João Pimenta: Achas então que só o que eu chamei um dia um apocalipse e começar tudo do zero pode salvar a situação?

André: Acho que não é necessariamente um apocalipse, é necessariamente haver uma Ordem, que penso não existir com o devia; e é tudo...ponto final, parágrafo como diria o almirante.

E se calhar precisamos mesmo de um “almirante”...ou de um “general”...

João Pimenta: André, imagina que tens um filho que quer ir para a medicina dentária. Que conselho é que lhe darias? Super especializar-se? Ser generalista? Qual era o conselho que darias a um filho?

André: É uma questão interessante. Isto, no fundo, estás-me a perguntar de que forma é que eu vejo a medicina dentária no futuro. Acho que a medicina dentária, como acontece noutros setores, mas neste caso em específico na medicina, há muita coisa que deixou de ser e vai voltar a ser. E deixou de ser por motivos comerciais e voltará a ser por motivos absolutamente clínicos e médicos. Portanto, acho que há muitas técnicas que vão ser repescadas, se calhar com nomes até mais pomposos, para se poder vender mais cursos, mas a técnica, a essência, em si vai ser repescada, porque nunca devia ter sido deixada. Acho que as modas vão tender a desaparecer e aparecer novas modas, mas penso que as novas modas serão antigas modas com novos nomes. Essa é a sensação que eu tenho.

João Pimenta: Mas eu perguntei-te que conselho é que darias ao teu filho? Olhar para as fichas de há 30 anos?

André: Não, não, não.

João Pimenta: De há 40 anos?

André: Não, não. A primeira coisa mais importante é perceber a vocação. Se há uma vocação médica por detrás da medicina dentária, porque a medicina dentária já é uma especialização com forte componente médica, ao contrário daquilo que se diz.

João Pimenta: Imagina que há uma vocação médica. Davas algum conselho ou, se o visses a ir “contra o betão” metias-te a meio?

André: Há uma coisa que faria, e que aprendi também com o meu pai. Uma vez estava a fazer um ato clínico, que fazia todo o sentido do ponto de vista teórico; era um ato clínico atualizado nas técnicas à época, e o meu pai chegou à minha beira e diz assim “estás a pensar bem, mas isso não funciona”. Eu disse, porquê? “Porque eu já fiz isso muitas vezes e não funcionou”. E este era o conselho que eu daria ao meu filho quando o visse ele a fazer alguma coisa que eu já fiz e que não funcionou.

João Pimenta: Muito bem.

André: Portanto, a experiência clínica aqui é “um posto”. Eu continuo a dizer que se estão a repescar coisas antigas. Por exemplo, hoje fala-se muito na OFM.

João Pimenta: O que é a OFM?

André: A OFM é a ortodontia funcional dos maxilares, que não é nada mais, nada menos, do que juntarmos toda a ortodontia intercetiva que já se fazia no passado, e bem, dar-lhe um nome pomposo e fazer cursos com isto. Portanto, no fundo, é um repescar de técnicas que nunca deviam ter deixado de ser usadas, dando-lhe um novo nome, uma nova roupagem, mas não deixam de ser as técnicas antigas.

João Pimenta: André, eu conheço bem o que tu fazes na clínica, apesar de teres os teus pacientes, eu não os conhecer, a maior parte deles, mas de vez em quando vou lá dar uma espreitadela. Sei o quão bem trabalhas na ortodontia, na reabilitação oral e nos implantes agora, és o meu principal concorrente, o que não deixa de ter a sua piada, mas, no entanto, não divulgas absolutamente nada daquilo que fazes, ao contrário de outros colegas teus. Ninguém te vê nos congressos...onde é que tu efetivamente te atualizas, onde é que tu aprendes?

André: Para já aprendo com o meu pai, com a sua forma de trabalhar honesta, e depois aprendo também muito com muitos médicos dentistas que também não são tão conhecidos ou não têm tantos seguidores no Instagram, mas que fazem casos e cirurgias “live” e acompanho online.

Hoje consegue-se realmente aprender muita coisa, desde que haja depois um acompanhamento de quem o faz, ou seja, eu acredito que a pessoa que tenha nascido com um talento para isto consiga trabalhar e chegar àquilo que é o topo da sua carreira profissional, ou aquela pessoa que não tem talento e tem de trabalhar, trabalhar, trabalhar, trabalhar, trabalhar, trabalhar, até conseguir alguma coisa de jeito. Ou seja, eu acredito que se consegue alguma coisa, trabalhando quando se tem talento natural para isto. Eu tive dúvidas, e ao fim de quatro anos de medicina dentária cheguei a perguntar, a mim mesmo, se realmente tinha algum talento ou seria melhor seguir para outro ramo porque eu acho que realmente aqui o que conta é a vocação, em primeiro lugar, depois tem de haver um talento de mão, porque nós fazemos muito artesanato.

Esta história do digital compensar muito o que a gente faz é mentira, porque até para o digital é preciso artesanato. Portanto, um bom médico dentista tem de ser um belíssimo artesão. Quando fui estagiar para o Galip Gurel, a primeira coisa que ele me pôs a fazer foi a esculpir um Mickey num sabonete. Isto fazia sentido. O “braço direito” dele foi uma pessoa que chumbou duas vezes no último ano da faculdade. Portanto, em princípio, não teria qualquer credibilidade para ele. Para o Galip o que fazia sentido era a pessoa ter “jeito de mão”, que é o tal talento, o handling que ele falava, que depois podia-se trabalhar mais à frente, ou não. E é por isso que muitos podem ser excelentes médicos dentistas e outros não. Agora, quando me perguntam a mim porque é que eu não divulgo o que faço, eu respondo de uma forma muito fácil: é porque faço. Portanto, quem faz muito não tem tempo para divulgar. É só por isso. Gostava muito de partilhar com os meus colegas, mas também confesso que



das últimas vezes que fui ao Congresso da OMD, o pessoal estava mais incomodado com a forma de vestir do que propriamente com aquilo que nos interessa. Como estou um bocadinho cansado de feira de vaidades, e como não tenho de dar para essa freguesia, não é deles que eu dependo. Felizmente, tenho muitos amigos médico dentistas, e tenho a capacidade de falar com eles sobre outras coisas que não dentes. Porque, na realidade, acho que há muito um bocadinho, “o meu ferrari é maior que o teu”, e isto funciona um bocadinho assim na medicina dentária. Como é uma guerra que não é minha, e nem estou no meio académico, nem no meio das redes sociais...

João Pimenta: Preferes então que os teus colegas pensem que ainda não acabaste o curso...

André: Prefiro, continuo a preferir assim. Preocupava-me mais se um paciente achasse que eu não tinha acabado o curso. Agora com os colegas não têm problema nenhum. Eu gosto de estar com eles em momentos de descontração.

Dentro do registo em que eu tenho visto muitas vezes, uma competição feroz e agreste entre uns e outros eu digo “não, obrigado”

Eu vivo dos meus pacientes, não vivo dos meus colegas.

João Pimenta: Ao fim de 43 anos, perto de 44, que trabalhas numa clínica que já tem história e que, não é para nos gabar, mas continuamos a surfar na crista da onda, e estando eu, digamos, “mais para lá do que para cá” em termos profissionais, não vou trabalhar a vida toda, tenho mais coisas que fazer nesta vida e já tenho 67 anos. Como é que tu vês a continuidade desta clínica? E é a última pergunta que te faço. Quando se sabe mais ou menos que as empresas boas têm uma duração média de vida de 50 anos, esta já vai com 44. O que é que tu achas que pode acontecer, já que vais ter entre mãos uma clínica que vai ter que funcionar necessariamente sem eu estar aqui?

André: Nós já tivemos essa experiência quando vais de férias, já temos um bocadinho essa experiência de perceber que as coisas funcionam. E as coisas funcionam de uma forma muito simples, porque esta clínica é regida por valores - valores éticos, morais e clínicos -, que são seguidos à letra por mim um pouco à minha maneira, mas com a mesma filosofia. Vejo um futuro da clínica perfeitamente risonho, como foi até hoje. Não há motivo para que nada corra mal, porque nesta clínica há uma filosofia muito fácil, que é trabalhar com honestidade, isso é a primeira coisa; e, acima de tudo, gerir o fracasso, e esse é o grande segredo da duração de uma clínica - gerir os fracassos.

João Pimenta: Eu trato uma pessoa, que me abstenho de dizer o nome, já que é dos melhores neurocirurgiões, talvez o mais conhecido que existe em Portugal, que me disse um dia destes uma coisa que é muito interessante. “Eu perdo o médico que fracasse nalguma coisa. Todos nós temos fracassos porque fazemos. Agora, o que não perdo é que ele não saiba diagnosticar o fracasso”, referindo-se a uma pessoa que faz uma neurocirurgia de moda. E é exatamente isto: diagnosticar o fracasso, e se o soubermos resolver muito bem, se não soubermos, pelo menos, indicar quem saiba. Mas diagnosticar o fracasso.

André: Já tive casos em que tenho de reconhecer que as coisas não correram bem, e que não tenho capacidade para resolver o que foi feito, mas acompanho o caso e o paciente após o diagnóstico, muitas vezes pessoalmente.

João Pimenta: Mas diagnosticas...

André: Diagnostico o fracasso e assumo.

João Pimenta: Ainda bem que oiço isso.

Há muitos anos dei uma entrevista em que disse que a diferença entre um mau e um bom implantologista ia ver-se, efetivamente, na forma como geriam os seus fracassos.

Foi um prazer ter falado contigo, André. Tenho muita confiança em ti e em toda a equipa e que trabalhem com os princípios morais e éticos que sempre nos nortearam...■